

# Sermões

# Ser como Crianças

WILLIE E ELAINE OLIVER

Willie Oliver, PhD, CFLE e Elaine Oliver, MA, LGPC, CFLE são diretores do Departamento de Lar e Família na Sede da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo dia em Silver Spring, Maryland, EUA.

## Os Textos

Marcos 10:13-16

Mateus 18:1-6, 19:13-15;

Lucas 18:15-17;

### I. Introdução

Há vários anos, antes de sermos mudados para a área de Washington, DC para trabalharmos para a Divisão Norte Americana, vivemos em South Lancaster, Massachusetts e trabalhámos na Universidade de Atlantic Union e na Conferência com o mesmo nome.

Durante o nosso tempo em Massachusetts, o primo da nossa filha formou-se na Academia Oakwood que ficava em Huntsville, Alabama, por isso a nossa família de quatro fez a viagem de carro para participar nas festividades. Depois de muitas horas a conduzir, chegámos a Huntsville numa sexta-feira à tarde, cerca de duas horas antes do pôr-do-sol. Eu (Elaine) precisava que me deixassem no centro comercial, e eu (Willie) dirigi-me à lavagem de carros automática com os miúdos para termos o carro lavado no dia de Sábado.

Chegámos e percebemos que era do tipo de local onde toda a gente tinha de sair do carro antes de ele seguir para o ciclo de lavagem. Podíamos vê-lo avançar nos vários processos de limpeza. Assim que o carro chegou ao outro lado, a Jessica, o Julian e eu (Willie) entrámos no carro prontos para ir buscar a Elaine ao centro comercial, fazer check-in no hotel, e prepararmo-nos para o Sábado. Dei à chave, mas o motor não fez caso. Tentei mais duas vezes e o resultado manteve-se, até o silêncio ser interrompido pela voz da Jessica no banco de trás.

“Papá,” disse ela, “o carro não pega.” “Sim, Jessica, é isso” respondi eu. Cinco segundos passaram até que a voz da Jessica invadiu novamente o silêncio. “Papá, podemos orar?” Perguntou ela. “Sim, Jessica,” foi a minha resposta, e depois perguntei, “Queres orar tu, Jessica?” “Yep,” respondeu ela, e começou a orar: “Querido Jesus, por favor ajuda o Papá a pôr o carro a trabalhar para podermos ir buscar a mamã ao centro comercial, para ela não ficar com medo. Ámen.” A oração terminou, dei à chave e o Volvo voltou à vida. Intitulámos os pensamentos que queremos partilhar convosco hoje de “Ser como Crianças”. Oremos.

### II. O Texto: Marcos 10:13-16

*Algumas pessoas apresentavam crianças a Jesus para as abençoar, mas os discípulos repreendiam essas pessoas. Reparando nisso, Jesus indignou-se e disse aos discípulos: «Deixem as crianças vir ter comigo! Não as estorvem, pois o reino de Deus é dos que são como elas.»*

*Lembrem-se disto: quem não for como uma criança, para aceitar o reino de Deus, não entrará nele.» Depois tomou as crianças nos braços e abençoou-as pondo as mãos sobre elas.*

O contexto desta narrativa coloca Jesus no Seu caminho para Jerusalém para a festa da Páscoa. Jesus também estava a caminho do Calvário, para morrer pelos vossos e pelos meus pecados.

O Evangelho de Marcos é o segundo dos três Evangelhos Sinópticos—Mateus, Marcos e Lucas—que estão no início do Novo Testamento. Os estudiosos acreditam que o livro de Marcos foi o primeiro dos evangelhos a ser escrito—e esta é uma das razões para termos uma certa predileção para pregar sobre este livro. Claro que o termo “sinóptico” vem da palavra Grega que significa “ver em conjunto,” que é uma característica das histórias e relatos semelhantes que abundam nestes três grandes evangelhos. Embora o livro de Marcos seja o mais curto dos três, é o que contém mais ação. Na verdade, muitas das evidências no livro de Marcos apontam para o facto deste Evangelho ter sido escrito para uma audiência não-Judia, uma vez que Marcos manifesta uma preferência por explicar os costumes hebraicos (15:42), e por ser um pouco pesado quando usa palavras e frases em Aramaico—a língua usada pelos Judeus da Palestina durante o primeiro século A.C.—para depois as traduzir para o Grego (3:17; 5:41; 7:11, 34; 15:22).

Entre outras coisas, o Evangelho de Marcos tem sido chamado de a história da Paixão, uma vez que muitas das suas narrativas dizem respeito à realidade do sofrimento e morte de Jesus. E o último terço do livro é dedicado à última semana de Jesus aqui na terra. E é aqui que nos encontramos hoje: Jesus vinha da sua missão em Pereia—na margem este do rio Jordão, que hoje estará localizada na Jordânia—perto do Monte Nebo, de onde Moisés olhou para oeste para contemplar a terra prometida antes de morrer; perto do local onde Eliseu viu Elias subir num carro de fogo, não muito longe do lugar onde Jesus foi batizado no rio Jordão e perto de Moabe, lar de Rute, nora de Noemi.<sup>1</sup> Em Marcos 10 Jesus usa uma modalidade invulgar para partilhar as boas novas da salvação. Em vez de empregar símbolos, milagres, tipos, parábolas ou provérbios, Jesus usa paradoxos para marcar o seu ponto de vista de forma abundantemente clara. Claro que, um paradoxo é uma declaração que dá a impressão de se contradizer a ela mesma, ao mesmo tempo que profere uma verdade ou princípio autêntico. Por exemplo, *“Quando sou fraco, então sou forte” (2 Coríntios 12:10)*. Ou, quando o apóstolo Paulo descreve as lutas dos cristãos *“consideram-nos tristes, mas andamos sempre alegres” (2 Coríntios 6:8-10)*, está novamente a empregar um paradoxo para passar uma ideia mais convincente.

Em vez de pregar um longo sermão, Jesus partilhou cinco ensinamentos substanciais usando cinco afirmações paradoxais. 1. Dois serão um (Marcos 10:1-12); 2. Os adultos serão como crianças (Marcos 10:13-16); 3. Os primeiros serão os últimos (Mark 10:17-31); 4. Os servos serão senhores (Marcos 10:32-45); e 5. Os pobres tornam-se ricos (Marcos 10:46-52).<sup>2</sup>

### III. Explicação e Aplicação

Hoje vamos focar-nos no segundo paradoxo utilizado por Jesus no capítulo 10 de Marcos, versos 13-16. Daí o nosso tópico, Ser como Crianças. Aqui Jesus chama a atenção para as crianças que Lhe foram trazidas por pessoas na multidão referenciado em Marcos 10:1

que diz: *“Jesus saiu dali e foi para a região da Judeia, para a outra margem do rio Jordão. Juntou-se-lhe outra vez uma grande multidão que ele ensinava como de costume.”* No processo de partilha dos Seus ensinamentos, depois de falar das bênçãos de “dois se tornarem um” e responder ao interesse dos Fariseus sobre o enigma do divórcio e do re-casamento, as crianças são trazidas a Jesus, para que Ele possa tocar-lhes. Warren Wiersbe, um reconhecido estudioso da Bíblia, sugere que a palavra criança nesta passagem pode referir-se a qualquer idade entre a primeira infância e os doze anos de idade, embora o interesse central desta narrativa não sejam tanto as crianças, mas o tipo de pessoas que têm mais probabilidade de ir para o céu. Também é digna de registo a afeição de Jesus por aqueles que trazem outros consigo quando O vêm ver, e a verdade de que se vimos a Jesus Ele tem sempre tempo. Esta é uma história declarativa, e a sua legitimidade é certificada pelo facto de que os ensinamentos e os comportamentos de Jesus eram vastamente diferentes dos da maioria dos filósofos e práticas da Sua época. A verdade é que, esta história não pode ser completamente apreciada sem a consciência da pouca importância e baixa posição social que tinham as crianças na sociedade antiga, especialmente em comunidades pagãs como as que existiam na margem Este do rio Jordão onde Jesus conta esta história. Embora nos Evangelhos as crianças normalmente exemplifiquem uma pessoa que não se pode valer a ela mesma, nesta passagem as crianças representam os traços de humildade e confiança que os discípulos de Jesus deveriam ter.<sup>3</sup>

Referenciando o tratamento dado pelos discípulos às pessoas que trouxeram crianças a Jesus, os comentadores sugerem que provavelmente eles estavam cansados, tensos e stressados com a questão de irem para Jerusalém e talvez estivessem simplesmente a proteger o tempo de Jesus.<sup>4</sup>

Embora a palavra crianças nos v. 13-14, 16 denote mesmo crianças reais que estavam a ser trazidas a Jesus; as mesmas palavras no v. 14 e como uma criancinha no v. 15 representam crianças reais ou adultos que possuem traços e qualidades próprias das crianças, como a inocência, a humildade, a falta de consciência própria, aproximação e veracidade. Embora seja verdade que nem todas as crianças partilhem destas características, os principais aspetos de comparação podem ser os da ausência de importância, a vulnerabilidade, a dependência e o desamparo que eram comuns às crianças da sociedade antiga e também aos que irão entrar no reino de Deus. Assim sendo a aplicação central da passagem não é simplesmente acerca da forma como vamos a Jesus, mas no facto de nos aproximarmos de Jesus, a razão da nossa fé.<sup>5</sup>

Tornarmo-nos como crianças também é um símile. Um símile é “uma expressão figurada” que envolve a comparação de uma coisa com outra de um género diferente, usada para tornar uma descrição mais empática ou vívida (p. ex., corajoso como um leão, doída que nem uma raposa).<sup>6</sup> Ser como uma criança não significa, então, que os adultos tenham agora que ser crianças, mas sê-lo em certas características à imagem de Deus—humildade, aproximação, confiança, vulnerabilidade, perdão e mais—que é a única forma de ver a Deus, e desenvolver o tipo de relacionamentos que O honrarão e glorificarão.

A pedagogia ou método de ensino mais conclusivo e acutilante deste segundo paradoxo de Marcos 10 é a forma como Jesus modelou e exemplificou a Sua filosofia. O verso 16 dramatiza a verdade de tudo isto afirmando as ações de Jesus deste modo: *“tomou as crianças nos braços e abençoou-as pondo as mãos sobre elas,”* uma demonstração visual de

que Jesus praticava o que pregava. Ao tomar as crianças nos Seus braços, Jesus demonstrou que todos os que vêm até Si serão abençoados, porque no Seu amor e graça não há ninguém que fique de fora.<sup>7</sup> Jesus recebe abertamente novos discípulos sempre que estes O procuram.

Por isso, no vosso relacionamento com o vosso esposo ou esposa; ex-marido ou ex-mulher; pais ou filhos; outros familiares, vizinhos, colegas ou amigos, como se estão a tornar como criancinhas? São humildes e confiam?

De fácil aproximação e sem autoconsciência? Estão a tornar-se como criancinhas nos vossos relacionamentos?

Apesar de fazer parte do nosso trabalho ensinarmos ferramentas e darmos capacidades às pessoas para maximizarem os seus relacionamentos, por vezes damos por nós a não sermos como criancinhas. Embora tenhamos escrito sobre o mau hábito que os seres humanos exibem frequentemente nos seus relacionamentos—especialmente em relacionamentos próximos como com o cônjuge ou filhos—de os corrigir quando estão a contar uma história, eu (Willie) muitas vezes dou por mim a fazer isto à Elaine quando ela está a contar algo e eu penso que nem todos os factos estão a ser precisos. Na maioria das vezes os detalhes com que me preocupo nas histórias da Elaine nem são assim tão importantes. Contudo, interrompe-la no meio do que ela está a dizer não a faz sentir apreciada ou amada.

Pelo contrário, fazê-lo faz com que ela não tenha vontade contar seja o que for quando eu estou presente, porque é desagradável e fá-la sentir-se invalidada ao ser constantemente corrigida. Neste caso, ser como uma criancinha significa que devo ser intencional na minha paciência, ser bondoso e defensor em vez de dizer o que estou a pensar quando é totalmente desnecessário.

São, na verdade, estas as virtudes das criancinhas que fortalecerão os nossos relacionamentos e, mais importante ainda, o nosso discipulado.

#### **IV. Conclusão**

Em que é que precisam de ser como criancinhas? Falta-vos a paciência? Falta-vos a humildade ou a capacidade de perdoar facilmente? Guardam ressentimentos? Em que é que precisam de ser como criancinhas hoje? Estão prontos para pôr em prática o vosso compromisso de crescerem em Jesus e serem fortalecidos enquanto discípulos, esquecendo o ficou para trás e avançando para o elevado chamado de Deus em Cristo Jesus para vocês? (Filipenses 3:14) Quem é que precisa de ser como uma criancinha hoje, para poderem trazer riso, alegria e paz a todos os vossos relacionamentos, incluindo a relação com Jesus?

#### **Ilustração:**

##### A Conta Bancária Emocional.

Muitos já terão ouvido falar sobre o conceito da conta bancária emocional. Funciona como qualquer conta bancária. Quanto mais depósitos emocionais fizermos (paciência, bondade, humildade, perdão) na conta das pessoas com quem nos relacionamos—especialmente as mais próximas—mais liquidez (felicidade, alegria, paz, bons sentimentos) teremos nesses relacionamentos. O inverso também é verdade; quando

mais levantamentos fizermos (impaciência, discussões, críticas, arrogância, invalidação) menos liquidez e viabilidade essa relação terá.

O nosso casamento não é perfeito, mas confiamos em Deus para termos paciência e bondade a cada dia para lidarmos um com o outro de uma forma que traga honra e glória a Deus. Temos de pedir a Deus diariamente para nos sarar da nossa “idade adulta” relacional e nos ajude a sermos como criancinha todos os dias, de forma a desenvolvermos o tipo de relacionamento matrimonial que traz alegria e contentamento ao nosso lar. Neste processo iremos tornar-nos discípulos de Jesus mais fortes e mais semelhantes a Ele.

1 Coríntios 13:4 declara: *“O amor é paciente e prestável...”* Ellen White partilha no Lar Adventista: *Pais, nunca faleis precipitadamente. Se vossos filhos erram, corrigi-os, mas deixai que vossas palavras sejam palavras cheias de ternura e amor. Cada vez que ralhais, perdeis uma preciosa oportunidade de dar uma lição de tolerância e paciência.*” (p. 440).<sup>8</sup> Ellen White continua o seu conselho aos casais no Lar Adventista: *“Nem o marido nem a mulher deve buscar dominar. O Senhor estabeleceu o princípio que guiará esse assunto. O marido deve amar a mulher como Cristo à igreja. E a mulher deve respeitar e amar o marido. Ambos devem cultivar espírito de bondade, resolvidos a nunca ofender ou prejudicar o outro.”* (p. 106).<sup>9</sup>

João, o discípulo amado, escreveu em 1 João 1:7: *“Ao contrário, se levamos uma vida de luz, tal como Deus que está na luz, temos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus, seu Filho, purifica-nos de todo o pecado.”* Por isso, lembrem-se das palavras de Jesus em Marcos 10:15 quando Ele declarou: *“Lembrem-se disto: quem não for como uma criança, para aceitar o reino de Deus, não entrará nele.”* Aquela tarde de sexta-feira na lavagem automática em Huntsville, Alabama mostrou-me que negociar os desafios da vida como ministro ordenado podia ser aligeirado e aliviado se eu abordasse os meus problemas como uma menina de seis anos sentada no banco traseiro do carro do seu pai. A fé simples e a confiança de uma criança podiam colocar as coisas no seu devido lugar, mesmo perante os reveses, busílis e obstáculos dos adultos.

Esperamos que tomem a decisão de pedir a Jesus para vos ajudar a tornarem-se como criancinhas hoje, sendo capazes de desenvolver relacionamentos genuínos e autênticos a cada dia, que honrem a Deus, que Lhe deem glória e demonstrem que estão a ficar mais fortes enquanto discípulos Seus.

Que Deus vos abençoe neste propósito, é a nossa oração.

#### Notas

<sup>1</sup> Bíblia de Andrews, 2010.

<sup>2</sup> Wiersbe, Warren W. 1989. Comentário Bíblico.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Holman Comentário Novo Testamento: Marcos, 2000.

<sup>5</sup> Wiersbe, Warren W. 1989. Comentário Bíblico.

<sup>6</sup> Google Dicionário.

<sup>7</sup> Holman Comentário Novo Testamento: Marcos, 2000.

<sup>8</sup> White, Ellen G. 1952. O Lar Adventista, p. 440

<sup>9</sup> Ibid, p. 106

# O Que é Que Novo Tem que Ver Com Isso?

JEFFREY O. BROWN

Jeffrey O. Brown, PhD, é Diretor Associado da Revista Ministry e Secretário Ministerial Associado na Sede da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia em Silver Springs, Maryland, EUA.

## O Texto

2 Coríntios 5:17

“Londres é um mau sítio para se ter uma esposa.” Assim declarou um jornalista num artigo intitulado, “Até que Londres nos separe” (Djan 1995:34). Afirmando que pelo menos 45 por cento dos casamentos britânicos acabam em divórcio, o número mais elevado para qualquer país da União Europeia, Djan mantém que os cristãos de ascendência Africana no ocidente são inevitavelmente afetados por esta tendência. “Antes dizia-se que o casamento era para a vida. Agora já não. Quanto mais Africanos no estrangeiro absorvem estas ideias ocidentais, mais os seus casamentos se desfazem. Da Alemanha à América, a história é a mesma. Na Grã-Bretanha a comunidade Africana está em crise virtual uma vez que os seus casamentos se desfazem à sua volta” (ver também Rucibwa 1994). O impacto do divórcio afetou a cultura e a igreja de igual forma, e a Igreja Adventista do Sétimo Dia não escapou incólume. A cantora Tina Turner fez a pergunta, “O que é que o amor tem que ver com isso?” (Brady 1995), mas eu pergunto, O que é que novo tem que ver com isso? Há uma passagem que diz, “É que quando alguém está unido a Cristo torna-se uma pessoa nova. As coisas antigas passaram. Tudo é novo.” (2 Cor. 5:17). E então? Que tipo de comportamento podem as pessoas esperar quando os Cristãos casam—e o que acontece quando eles se separam? Que ideias têm os Cristãos sobre relacionamentos—e o que acontecem quando as quebram? Padrões Elevados de Moralidade no Novo Testamento apresentam os padrões mais elevados possíveis de moralidade, uma realidade em que o divórcio não é a norma. Ellen White afirma: *“O ideal de Deus para Seus filhos é mais elevado do que possa alcançar o mais elevado pensamento humano. O Deus vivo deu em Sua santa lei uma transcrição de Seu caráter. O maior Mestre que o mundo já conheceu é Jesus Cristo. E qual a norma que Ele deu para ser alcançada por todos os que n’Ele creem? — “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos Céus.” Mateus 5:48. Como Deus é perfeito em Sua alta esfera de ação, assim pode o homem sê-lo em sua esfera humana.”* (White 1913:365)

Este elevado padrão da ética Cristã foi proposto por Jesus naquela que é. Talvez, a sua mais clara afirmação em relação ao permanecer solteiro/a, ao casamento e ao divórcio: *“Alguns fariseus foram ter com ele e fizeram-lhe esta pergunta para o experimentar: «Será permitido a um homem divorciar-se da mulher por qualquer razão?» 4Jesus perguntou-lhes por sua vez: «Nunca leram nas Escrituras que, no princípio, Deus os criou homem e mulher? Por essa razão está escrito que o homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher, e os dois se tornarão como uma só pessoa. Assim já não são dois, mas um só. Portanto, não queira o homem separar aquilo que Deus uniu.» Os fariseus insistiram: «Então por que é que Moisés ordenou que se passasse uma declaração de divórcio à mulher para se separar dela?» Jesus respondeu: «Moisés permitiu-vos deixar as vossas mulheres por saber que vocês têm coração duro. Mas no*

*princípio não era assim. Portanto, digo-vos: o homem que se divorciar da sua mulher e casar com outra comete adultério, a não ser no caso de união ilegítima.» Os discípulos disseram-lhe: «Se é essa a situação do homem relativamente à mulher, então vale mais não se casar.» Jesus, porém, observou: «Nem todos podem compreender isto, mas apenas os que receberam esse dom. Há quem não se case por razões que vêm de nascença; e há outros que é por causas provocadas pelos homens; e há também os que decidem eles mesmos não se casar por causa do reino dos céus. Aquele que puder compreender, compreenda.» (Mateus 19:3-12).*

Eggerichs (2004:42) comenta: “Percebendo que o casamento exigia permanência e trabalho, os discípulos queixaram-se, *‘Se é essa a situação...então mais vale não se casar’* (Mat. 19:10).” Cornes (1993:125) afirma: “Os discípulos de Jesus nunca esperaram ouvir tal coisa. Quando disseram: «Se é essa a situação do homem relativamente à mulher (não se poder recasar), então vale mais não se casar.» (Mat. 19:10), certamente esperavam que Cristo dissesse, Não, não. Claro que é sempre melhor casar.’ Mas em vez disso, ele respondeu que ficar solteiro é uma condição “dada” a muitos por Deus e que é um estado muito honrado (Mat. 19:11f).” Bustanoby (1978:143) afirma: Conhecendo os seus pensamentos, Jesus estava a dizer, “Sim, estou a colocar sobre vós um fardo pesado, e nem todos obedecerão. Mas quando desobedecem, saibam que é pecado.” Muitas pessoas divorciadas vão objetar quanto a este ponto. “Colocam-me numa posição difícil,” irão dizer. “Estão a dizer-me que, ou não volto a casar—algo difícil para mim—ou volta a casar e comete pecado.” Em resposta irei dizer que é exatamente essa a posição em que Jesus deseja colocá-lo. Ele não o faz porque não é solidário, mas porque Ele deseja elevar a instituição do casamento à dignidade que Ele pretende que esta tenha. Se [voltaram a casar] contra as orientações Bíblicas, andem na luz e conhecimento de que voltar a casar é um pecado... Confessem o vosso pecado diante de Deus e permitam que Ele o trate como um pecado perdoável. Mas não peçam a Deus para rebaixar os padrões bíblicos para o casamento por não se quererem chamar a vós mesmos de pecadores.

Poderemos fazer a pergunta, se é certo que Deus perdoará, não será isso um encorajamento ao pecado? Richards (1981:83) afirma: “Os Cristãos e a Igreja devem viver sempre em tensão. É a tensão entre o chamado de Deus ao ideal e o puxão do pecado que nos arrasta para baixo à realidade.” Contudo, a experiência da graça torna a pessoa mais obediente, não menos.” Paulo disse, *“Que diremos então? Vamos continuar a viver no pecado, para mais se manifestar a graça de Deus? De modo nenhum. Nós, que morremos para o pecado, como poderíamos viver ainda em pecado?”* (Rom. 6:1, 2). Stott (2001:51) comenta:

“Em Romanos 6 ele [Paulo] refuta a calúnia de que o evangelho encoraja o pecado.” Lloyd-Jones (1972:8, 9) afirma: “Não há melhor teste quanto ao facto de um homem estar ou não a pregar o evangelho de salvação do Novo Testamento do que isto, que algumas pessoas possam compreendê-lo mal e interpretá-lo mal, resumindo tudo a isto, que porque somos salvos somente pela graça não importa nada aquilo que fazemos; podemos pecar o quanto desejarmos porque vai redundar ainda mais para glorificar a graça. Este é um teste muito bom ao ensino do evangelho. Se a minha pregação e apresentação do evangelho da salvação não expõe este mal-entendido, então não é o evangelho.” O genial da cruz é que Deus encontrou uma forma de nos carimbar tanto com a culpa como com o perdão ao mesmo tempo. O desafio da queda foi, como podia



Deus permanecer justo—e declarar o pecador culpado—e ainda assim perdoá-lo. A morte de um Salvador sem pecado providenciou a solução. *“Ó SENHOR, paciente e bondoso, tu perdoas culpas e crimes, mas não deixas sem castigo o culpado e castigas filhos, netos e bisnetos, pela culpa dos pais.”* (Num. 14:18). Através da cruz, Deus provou que *“Deus é justo e justifica os que creem em Jesus.”* (Rom 3:26). Tyner (1996:15) afirma, “A Bíblia, frequentemente torna-nos as coisas simples através do uso de um padrão literário conhecido como o paralelismo contrastante, em que a segunda linha de um verso diz exatamente o oposto do que está na primeira.” O exemplo de Tyner está em Rom. 6:23, *“Com efeito, o pecado paga-se com a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em união com Cristo Jesus, nosso Senhor.”* 1 João 2:1 é outro exemplo, demonstrando que embora os padrões não possam ser comprometidos, a graça não pode ser marginalizada: *“Meus filhos, escrevo-vos isto para que não pequem. Mas se alguém cair em pecado, temos quem nos defenda junto do Pai, Jesus Cristo, o Justo.”* A tarefa da igreja é declarar inabalavelmente que o divórcio está errado. O divórcio é a destruição da unidade da humanidade e uma distorção da imagem de Deus, muitas vezes com consequências devastadoras para pais e filhos. O profeta relata, *pois quem deixa de amar a mulher e a abandona fica coberto de violência. Palavra do SENHOR, todo-poderoso, o Deus de Israel!* (Mal. 2:16). Foster (1987:13) comenta, “Sim, Deus abomina o divórcio, mas não as pessoas divorciadas. Ele opera nos relacionamentos desfeitos para sarar e perdoar.”

A igreja deve proclamar com o escritor de hinos Frederick William Faber: Há uma amplitude na graça de Deus como a do mar; Há uma bondade na Sua justiça, que é mais do que liberdade. O pecador é bem-vindo, e há mais graças ainda para os justos; há misericórdia junto ao Salvador; há cura no Seu sangue. Porque o amor de Deus é maior que a medida da mente humana; E o coração do Eterno é maravilhosamente bondoso. As Escrituras declaram, *“Todos nós vagueávamos como rebanho perdido,”* (Isa. 53:6), contudo não é o rebanho que é abatido por se tresmalhar. *“como um cordeiro que é levado ao matadouro.”* *“o SENHOR carregou sobre ele as consequências de todas as nossas faltas.”* (Isa 53:7, 6). White (1970:25) comenta, *“Cristo foi tratado como nós merecemos, para que nós sejamos tratados como Ele merece. Foi condenado pelos nossos pecados, e nos quais não teve parte, para que sejamos justificados pela Sua justiça, na qual não temos parte. Sofreu a morte que era nossa, para recebermos a vida que era dele. ‘Pelas suas feridas fomos sarados.’”* White (1969:234) ainda diz mais, *“Ele deleita-se em pegar em material aparentemente sem esperança, aqueles através de quem Satanás operou, e torná-los alvo da Sua graça.”*

### Uma Diferença Radical

Duas frases das Escrituras lançam a Base para o que o casamento Cristão deveria e não deveria ser: *“Mas não pode ser assim convosco.”* (Mat. 20:26) e *“assim como Eu vos amei”* (João 13:34). O objetivo destas afirmações no seu contexto foi que deve existir uma diferença radical entre os relacionamentos Cristãos e os que existem fora deste âmbito, e essa diferença é única para o Cristianismo porque o sacrifício de Cristo não tem comparação. Garland e Garland (1986:36) afirma: Não foi certamente nada de novo dizer aos maridos para amarem as esposas, mas foi dada nova dimensão a este amor quando o padrão é o amor de Cristo pelo Seu povo. Cristo amou ao longo do Seu sacrifício; ele

esteve disposto a pagar o preço supremo e estimar a Sua amada mesmo quando ela foi indigna desse amor (Rom. 5:8). Ele amou incondicionalmente. Ele viveu os fracassos da Sua amada e ainda assim deu de si mesmo para os ultrapassar.

É este amor que se espera que o marido tenha pela esposa, e é uma exigência fantástica, sem paralelo no mundo antigo. Os Cristãos têm Cristo como modelo para o casamento e sem este modelo o casamento não consegue atingir o seu verdadeiro potencial. Ellen White (1952:64) diz: *“É somente em Cristo que a aliança matrimonial pode ser formada em segurança (...) Apenas onde Cristo reina pode haver uma afeição profunda, verdadeira e abnegada.”* O Cristão crê em *“almas gêmeas”*, mas dá novo significado ao termo. *As almas gêmeas não se encontram, formam-se; não se descobrem, desenvolvem-se.* White (1952:105) afirma: *“Por mais cuidadosa e sabiamente que alguém tenha entrado no casamento, poucos são os casais que são completamente unidos quando a cerimônia tem lugar. A verdadeira união dos dois é um trabalho dos anos que se vão seguir.”*

Para o Cristão, o casamento não tem que ver com sentimentos, tem que ver com fé. Não é sobre o coração; é sobre a cabeça. Não é sobre paixão; é sobre princípios. Não é sobre emoção; é sobre devoção. Não é sobre felicidade; é sobre santidade. Não é sobre Hollywood; é sobre a Santa Palavra (HollyWord). Não é sobre satisfação; é sobre compromisso. Powell (1974:53) afirma: O compromisso do amor, seja a que nível for, tem de ser uma coisa permanente, vitalícia. Se eu digo que sou vosso amigo, vou ser sempre vosso amigo, não “desde que” ou “até que”. Vou estar sempre lá para vocês. O amor eficaz não é como a bola retrátil na ponta de uma caneta. Eu preciso de saber que o amor que me oferecem é uma oferta permanente. Não posso abrir-me a um amor temporário e tentador, cuja oferta tem todas aquelas notas muito bem impressas no rodapé do contrato.

O casamento Cristão é incondicional, algo por nada, que se autossacrifica. É construído tendo por base palavras como, independentemente de, ainda que e apesar de. *“Por isso o marido ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.”* (Efé. 5:33). Achtemeier (1976:125) afirma: A fé Cristã opera frequentemente com uma falta de evidências que parecem ridículas ao resto do mundo. Muitas vezes, parece contradizer os factos simples com um “apesar de” incauto. Tal precipitação é incorporada na nossa fé, porque procedemos com base na assunção irracional de que Deus o Filho se tornou homem entre nós, e nós apostamos as nossas vidas na história da crucifixão desse Filho. Mantemos as mesmas noções aparentemente ridículas de que nada nos pode separar do amor de Deus, que ele está a trabalhar por um bom propósito para a nossa vida mesmo quando estamos a sofrer ou com dores. Tolice? Sim, sem dúvida, mas ainda assim, verdade.

### **O Novo Chegou**

Então, o que tem o novo que ver com o assunto? Há uma nova ordem de relacionamentos. O líder agora é o servo. O maior é agora o menor. O último é agora o primeiro. Não há mais Judeus nem Gentios, macho ou fêmea, casados ou solteiros. As distinções ainda estão presentes, mas o seu significado está sujeito à missão da igreja. A escolha curva-se perante o chamado, a preferência submete-se à prioridade, e a emoção sucumbe à devoção. Existe uma inequívoca tensão entre a Liberdade em Cristo e a nossa

dependência à Sua causa (1 Cor. 7:31). Agora julgamos as nossas ações, tomamos as nossas decisões e avaliamos as nossas intenções à luz do impacto que podem ter no corpo. Já não somos de nós mesmos; fomos comprados por um preço. Há uma nova mutualidade nos relacionamentos. As crianças ainda têm de obedecer aos seus pais, mas por sua vez os pais devem respeitar os filhos. (Efé. 6:1). As esposas ainda têm de submeter aos maridos, mas por sua vez os maridos devem amar as suas esposas como Cristo amou a igreja (Efé. 5:25). Já não há divórcios baseados meramente na conveniência ou preferência. Na verdade, deve haver uma submissão mútua se é para existir um relacionamento autêntico (Efé. 5:21).

Existe uma nova designação de família. As relações entre irmãos já não são definidas pela fidelidade à ligação familiar, mas pelo compromisso com Cristo (Mat. 12:50; João 19:26). A unidade do relacionamento matrimonial torna-se, nada mais nada menos que uma representação da unidade do corpo de Cristo. Os conceitos da noiva no casamento e na “uma só carne” do casamento apontam agora para a igreja. É surpreendente, é novo, e é avassalador. Paulo declara, *“Há aqui um grande mistério. É que isto realiza-se plenamente no amor que Cristo tem pela igreja.”* (Efé. 5:32).

Existe uma nova definição de amor. É um amor *“E ele, que amou sempre os seus que estavam no mundo, quis dar-lhes provas desse amor até ao fim.”* (João 13:1). É um amor radical *“O amor é paciente e prestável. Não é invejoso. Não se envaidece nem é orgulhoso.”* (1 Cor 13:4). É um compromisso para a vida, sacrificial e incondicional, construído com base no modelo de Jesus Cristo.

É um novo assalto de graça. Os crentes não são responsabilizados pelas ações passadas. Em tempos de ignorância Deus fecha os olhos, mas em Cristo somos novas criaturas. As velhas coisas pertencem ao passado. Tudo se faz novo. Agora andamos como filhos da luz. Crucificámos a carne e pomos de lado as obras das trevas. Não há um voltar atrás. Não somos Judeus no que diz respeito ao legalismo, ou Gentios no que diz respeito ao liberalismo. Obedecemos aos mandamentos, é verdade, e somos livres em Cristo, com certeza, mas o nosso comportamento não se baseia nem num código de conduta nem em algo irrealista e impraticável; pelo contrário, é uma resposta à graça extravagante e imerecida de Cristo.

### **Amor e Disciplina**

Sofríamos por causa da nossa fornicação, adultério e divórcio antes de conhecermos Cristo. Sofremos duplamente se enveredarmos por estas atividades a partir do momento em que conhecemos Cristo. Contudo, o nosso refúgio é o mesmo. *“Por isso, assim como aceitaram o Senhor Jesus Cristo, do mesmo modo deverão viver unidos a ele”* (Col. 2:6). Vimos em abjeto arrependimento pela vergonha que trouxemos a nós mesmos, pela mágoa que trouxemos à nossa família, pela dor que trouxemos a Cristo e pela censura que trouxemos à Sua igreja. Não somos caprichosos. Não somos petulantes. Não continuamos em pecado, para que a graça abunde. Reconhecemos de forma demasiado clara que embora a salvação seja gratuita, a graça não é barata. Custou a vida do Filho de Deus. Afligimo-nos, mas não como aqueles que não têm esperança. O corpo de Cristo também se aflige. Quando um membro sofre, todos sofrem. Há a dor e a disciplina. Reconhecemos que se deve haver amor, deve existir disciplina (Apo. 3:19). Na verdade, se não há disciplina já

não somos filhos e filhas de Deus (Heb. 12:8). A presença da graça não diminui a prática da disciplina. Pelo contrário, define-a. É agora uma disciplina com a infusão do amor. White (1970:353) afirma: “[Jesus] não censurou a fraqueza humana. Ele denunciou destemidamente a hipocrisia, a falta de fé e a iniquidade, mas tinha lágrimas na voz ao proferir as suas severas repreensões.” Por isso, “O amor Cristão é lento a censurar, rápido a discernir a penitência, pronto a perdoar, a encorajar, para recolocar o que vagueia novamente na senda da santidade e para o lá manter” (White 1970:461, 462).

Sofremos as consequências dos nossos atos, a remoção dos nossos privilégios e a restrição das nossas liberdades. Submetemo-nos ao corpo, como a Cristo. A reconciliação com o nosso cônjuge pode agora ter sido colocada em perigo. A nossa elegibilidade para membro de igreja pode ter sido agora afetada. A nossa liberdade para voltar a casar pode agora ter-nos sido retirada. Com um grito de angústia declaramos, *“Pai, se for do teu agrado, livra-me deste cálice de amargura.”* Com os olhos da fé nos submetemos, *“No entanto, não se faça a minha vontade, mas sim a tua.”* (Luc. 22:42).

Comprometemo-nos com níveis de santidade, pureza e obediência sem precedentes. É um elevado padrão de compromisso. Ultrapassa o antigo. É uma aliança melhor. É construída com base em melhores promessas (Heb. 8:6). É um caminho muito mais excelente (1 Cor. 12:31).

### Lei e Graça

Estavam a disputar por um lugar na Final do Campeonato do Mundo 2010 na África do Sul. O Egito, seis vezes campeão Africano, estava a jogar com a raia miúda da Argélia que esperavam conseguir passaporte para a sua primeira viagem ao mundial em vinte e quatro anos. Incrivelmente, as fases de grupos da competição deixaram o par inseparável no primeiro lugar do grupo com o mesmo número de pontos, os mesmos golos marcados, e o mesmo registo no confronto direto. Os dois foram forçados a um jogo de playoff em Khartoum. O que acontece quando há um impasse? Qual o resultado, quando o pecado atingiu o seu pior e a salvação o seu melhor? Por outras palavras, o que acontece quando há um empate? Na economia de Deus, não é preciso um play-off. A confrontação já aconteceu. Há dois mil anos, uma rude cruz se erigiu. A lei e a graça defrontaram-se face a face, e o resultado foi espantoso. Em vez de competirem, abraçaram-se. White (1973:10) afirma: *“A graça de Deus e a lei do Seu reino estão em perfeita harmonia; andam de mãos dadas.”* O salmista vai mais além: *“Sim, a sua ajuda está sempre perto dos que o honram e a sua glória habitará na nossa terra.”* (Sal. 85:10). Não vencedores nem vencidos; todos ganham no fim. É este o resultado que devemos buscar emular. A vida e os ensinamentos de Jesus desafiaram as previsões.

Alguns regozijaram-se com os padrões estritos de Jesus: *“Ouviram o que foi dito: Não cometerás adultério. Mas eu digo-vos: Todo aquele que olhar para uma mulher com más intenções já cometeu adultério no seu coração.”* (Mat 5:27, 28). Contudo quando uma mulher foi apanhada em adultério, não esperavam ouvi-Lo dizer, *“Também eu te não condeno», disse Jesus. «Vai-te embora e daqui em diante não tornes a pecar.”* (João 8:11). Os conservadores queriam a lei; os liberais queriam a graça. Jesus praticava ambas. Ele elevou a lei de uma forma sem paralelo, e estendeu a graça a uma distância sem igual.

A igreja deve fazer o mesmo. “O poder do cordeiro pode perdoar promessas quebradas, sonhos desfeitos, corações partidos, um erro, uma falta, uma falha de memória, uma falha comportamental – sim, até mesmo um caso extraconjugal” (Brown 2001:169, 170). A Escritura exige os mais elevados padrões de dever e demonstra os níveis mais profundos de misericórdia. Esta delinea os princípios mais exatos de obediência e demonstra os mais magníficos atos de perdão. Prega o código de lei mais estrito e pratica o mais amplo conceito de graça. Se tivessem trabalhado o dia inteiro recebiam um salário, e se trabalhassem apenas a última hora, Jesus pagava-vos o mesmo (Mat. 20:12). Não parecia justo ou correto. Não admira que as pessoas tivessem ficado perturbadas. Nelson (1998:100) diz que é ultrajante; mas “tão ultrajante é a Sua graça, e tão implacável é o Seu amor.” Spurgeon (1976:27, 28) acredita que é inacreditável: “Não podia ter sido criada pela ficção. O próprio Deus a ordenou; não é uma questão que pudesse ter sido imaginada.” Lucado (1986:91) chama-lhe estonteante: “Não podemos evitar ficar espantados pela impossibilidade de tudo isto. Porque é que Jesus fica no monte mais estéril de todos e espera por mim com braços estendidos e mãos perfuradas por pregos? Já foi apelidada de “santa e louca graça”. Um tipo de graça que não está apenas à lógica. Mas presume que a graça não tenha de o ser. Se fosse, não era graça.”

### **Esperança e Amor**

Não conhecemos todas as circunstâncias por detrás de uma separação conjugal. Ellen White (1888:296) escreveu a um cavalheiro que ponderava o divórcio: “*No que ao divórcio diz respeito, não estou preparada para falar... Perguntou-me se eu achava, no caso da sua esposa o deixar, que deveria casar novamente... Não estou plenamente preparada para fazer qualquer juízo. A minha mente está tão ocupada que não me é possível considerar esta controversa questão do casamento e dos divórcios [sic]. Gostava de poder ajudar, mas temo que não seja possível.*”

Quer possua todo o conhecimento ou não, o mais importante é ter amor (1 Cor 13:2). Sahlin e Sahlin (1997:142) afirma: “Para ser uma testemunha fiel da misericórdia e justiça de Deus não requer que tenhamos uma resposta final ou perfeita para questões teológicas ou de ética social.” O que se requer, porém, é que “nos tornemos uma comunidade de restabelecimento e Esperança para aqueles que passam por casamentos desfeitos.” Embora possamos agonizar por causa da culpa, não pedimos desculpa pela graça. Ela governa os nossos motivos, impele as nossas atitudes e cria comunidades de aceitação apesar das circunstâncias de incerteza.

Quer optemos pelo caminho da vida a sós ou pela via do casamento, Deus pede uma mente focado num só objetivo, um discipulado fervoroso e um compromisso de todo o coração. Solteiros ou casados, a nossa mensagem tem padrões estritos e uma grande graça; a mais elevada santidade, mas antes o perdão; a pureza perfeita e a maravilhosa misericórdia.

É radical; é fantástico; e é novo.

# A Bênção de Fazermos Discípulos

CLAUDIO E PAMELA CONSUEGRA

Cláudio Consuegra, DMin, é o diretor do Departamento de Famílias na Divisão Norte Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Columbia, Maryland, EUA. Pamela Consuegra, PhD, é diretora associada do Departamento de Famílias na Divisão Norte Americana da Igreja Adventista do Sétimo dia em Columbia, Maryland, EUA.

## Os Textos

Mateus 5:1-11

Mas que sermão aquele! A estreita praia junto ao Mar da Galileia não chegava para acomodar todos os que se aglomeraram para ouvir Jesus. Para além da habitual multidão das cidades da Galileia, também ali estavam pessoas da Judeia e mesmo de Jerusalém, e outros da zona este e oeste de Israel. Porque não havia espaço suficiente nem para as pessoas estarem de pé, Jesus conduziu os seus ouvintes para a colina da montanha que tinha vista para aquele amado pedaço de água. Chegando a um lugar elevado onde todos se pudessem juntar, Ele sentou-se, assim como os discípulos e a multidão.

O sermão de Jesus pretendia ensinar, aos que ali estavam reunidos, as bases para serem discípulos do Seu reino. As Bem-Aventuranças são o manual de instrução de Deus para fazer discípulos. As Bem-Aventuranças vão ensinar-vos as capacidades mais importantes para enfrentarem o vosso problema espiritual mais desafiante—vocês mesmos! São as regras basilares para aqueles que desejam seguir a Cristo. E na mente de Jesus o primeiro passo para nos tornarmos discípulos encontra-se na primeira Bem-Aventurança:

1. «Felizes os que têm espírito de pobres, porque é deles o reino dos céus! (Mateus 5:3)

A derrota não é uma língua que muitos de nós queiram falar fluentemente. Só pessoas que estejam a rastejar para fora do alcoolismo ou da dependência de drogas ou da escravidão sexual ou de distúrbios alimentares parecem ser capazes de falar esta língua confortavelmente. Vão a qualquer grupo de apoio para dependentes em recuperação e vão ouvir a gíria da derrota aflorar frequentemente nos seus testemunhos e confissões. Se passarem tempo com os Alcoólicos Anónimos, Cristãos em Recuperação, ou com qualquer uma outra associação que use o sistema dos doze passos, vão ouvir pessoas a assumirem o fracasso. Essa admissão é, normalmente, o primeiro passo requerido em qualquer processo de recuperação de doze passos e normalmente inclui algo como dizer: “Admitimos que não temos força—que as nossas vidas se tornaram impossíveis de gerir.” Nas Bem-Aventuranças, Jesus não esboça doze passos—Ele só tem oito—e as Bem-Aventuranças não se dirigem a alcoólicos ou toxicod dependentes; dirigem-se a todos os que desejam ser Seus discípulos. Posto isto, Jesus começa onde começam os programas de recuperação. Ele pede que reconheçamos que não temos força para mudar a nossa vida pelos nossos próprios meios. Jesus diz que começamos com pobreza de espírito. O que é que isso significa? Jesus começa, não com o que pensamos de Deus ou sobre religião. Jesus quer que comecemos com o que pensamos sobre nós mesmos.

Jesus começa as Suas instrução para o discipulado pronunciando uma bênção sobre aqueles que descobriram a destituição da alma. “Abram os vossos olhos,” diz Jesus. “Vejam-se como são. Vejam-se a partir da perspectiva de Deus. Saibam que são pobres, pedintes, simples espirituais no reino.” O discipulado só começa quando chegamos ao fundo de nós mesmos. Nessa altura podemos avançar para o segundo passo do discipulado.

## 2. Felizes os que choram! (Mateus 5:4)

Mas o que é que Jesus tinha na cabeça quando disse que a segunda característica de um verdadeiro discípulo é a capacidade de chorar? Jesus já disse que os discípulos precisam de ser “pobres de espírito”. Mas agora parece que os discípulos, para além de destituídos, têm de estar deprimidos. Jesus insiste que aqueles que experimentam um profundo e doloroso senso de perda, como os que conheceram a morte, que deve ser chorada, podem tornar-se seus discípulos. O tipo de choro que Jesus abençoa na segunda Bem-Aventura baseia-se na pobreza de espírito que Ele abençoa na primeira. Só os que chegaram ao fim de si mesmos sabem realmente o porquê de chorarem. Tendo visto quem somos perante Deus, somos chamados a prantear sobre o que vimos. Não chega reconhecermos que somos pecadores—devemos sentir pesar por essa condição.

O que é prantear, afinal? É a compreensão de que o fracasso e o pecado e a culpa só podem ser abordados com a seriedade que lhes é merecida. Esta Bem-Aventura insiste em que o discipulado é demonstrado quando ficamos perturbados com o nosso próprio pecado!

Mas, esperem, esta Bem-Aventura também contém boas notícias. A Bem-Aventura diz, “Felizes os que choram, porque eles serão consolados.”

*“O pranto aqui apresentado é a sincera tristeza de coração pelo pecado. Jesus diz: “E Eu, quando for levantado da Terra, todos atrairei a Mim.” João 12:32. E ao contemplarmos Jesus levantado sobre a cruz, discerniremos o estado pecaminoso da humanidade. Vemos que foi o pecado que açoitou e crucificou o Senhor da glória. Vemos que, ao passo que somos amados com indizível ternura, nossa vida tem sido uma contínua cena de ingratidão e rebelião. Esquecemos nosso melhor Amigo, e desprezamos o mais precioso dom deparado pelo Céu. Crucificamos de novo, em nós mesmos, o Filho de Deus e de novo traspassamos aquele sangrento e ferido coração. Separamo-nos de Deus por um abismo de pecado, extenso, negro e profundo, e choramos com coração quebrantado. Esse pranto será “consolidado”. Deus nos revela a culpa a fim de que nos possamos dirigir a Cristo, e por meio d’Ele sejamos libertados da servidão do pecado e nos regozijemos na liberdade dos filhos de Deus. Em verdadeira contrição podemos arrojarnos aos pés da cruz, e ali depor o nosso fardo.”<sup>1</sup>*

*“Qualquer que tenha sido vossa vida passada, por mais desanimadoras que sejam vossas circunstâncias presentes, se fordes a Jesus exatamente como sois, fracos, incapazes e em desespero, nosso compassivo Salvador irá grande distância ao vosso encontro, e em torno de vós lançará os braços de amor e as vestes de Sua justiça. Ele nos apresenta ao Pai, trajados nas vestes brancas de Seu próprio caráter. Ele roga a Deus em nosso favor, dizendo: Eu tomei o lugar do pecador. Não olhes a este filho desgarrado, mas a Mim. E quando Satanás intervém em altos brados contra nossa alma, acusando-nos de pecado, e reivindicando-nos como presa sua, o sangue de Cristo intercede com maior poder.”<sup>2</sup>*

### 3. Felizes os humildes (Mateus 5:5)

Na Bíblia, a humildade tem pouco que ver com a forma como nos relacionamos com os outros e mais que ver com a forma como nos relacionamos com Deus. Em primeiro lugar, a humildade é uma postura que adotamos na presença de Deus. A humildade é uma rendição, abdição e sujeita obediência— mas não do tipo que pessoas mais fracas concedem a pessoas mais fortes ou mais poderosas. A humildade é dobrarmos os nossos joelhos perante Deus. É o render da nossa vontade á vontade de Deus. É abdicar-nos da lei própria em detrimento da lei Divina. É o compromisso de pobres de espírito e quebrados de coração ao concederem o controlo a Deus.

### 4. Felizes os que têm fome e sede de ver cumprida a vontade de Deus (Mateus 5:6)

O quarto passo do discipulado diz: *“Felizes os que têm fome e sede de ver cumprida a vontade de Deus, porque Deus os satisfará!”* (Mateus 5:6). De vez em quando cruzamo-nos com pessoas que são genuinamente “loucos” pela sua caminhada com Deus. Anseiam pela Sua presença. Estão, obviamente, profundamente enamorados Dele. Reservam o melhor de si para o seu relacionamento com o seu Senhor. Mas estes encontros desorientam-nos sempre. Troçamos num crente que tem um fogo dentro de si e isso deixa-nos nervosos. Encontramos um Cristão que tem um senso constante de zelo suprimido—um fervor que transborda em adoração ou testemunho ou nalguma façanha extravagante— e sentimo-nos estranhamente ameaçados. Consideramos o ardor desta pessoa atraente, mas suspeito. Queremos perguntar, “Porque é que é tão apaixonado por Deus?” Mas tememos que—ao fazer a pergunta—digamos mais de nós mesmos do que queremos revelar.

Lembram-se das palavras do Salmo 42:1-2: *“Como a corça sedenta em busca das correntes de água, assim eu suspiro por ti, meu Deus. Tenho sede de Deus, do Deus da vida!”* Do que é que David está aqui a falar? Eu sei sobre Deus. Eu até tento ser obediente a Deus. Mas tenho de confessar, raramente respiro aceleradamente em antecipação por me encontrar com Ele. Raramente me sinto sedento da Sua presença. Olhamos para a experiência de David e achamos o seu anseio por Deus, a sua saudade, desconcertante e profundamente condenatória. Queremos um pouco de fogo para nós. Dava-nos jeito uma dose de paixão pelas coisas de Deus. Bem-vindos à quarta Bem-Aventura. Se pensarmos nisso, as Bem-Aventuras estão estruturadas como uma montanha. A primeira metade do discipulado envolve uma subida—virar as costas ao poço do eu e fazer a longa e difícil escalada até ao topo da montanha, o Pináculo de Deus. Agora, finalmente, chegamos ao pináculo das Bem-Aventuras. Bem-aventuradas as pessoas que anseiam pelas coisas de Deus.

### 5. Felizes os que usam de misericórdia para com os outros (Mateus 5:7)

As primeiras quatro Bem-Aventuras constituem uma longa e árdua subida de nós até Deus. Passo laborioso atrás de passo laborioso—da pobreza ao choro, à humildade e á



fome e à sede—subimos a “Montanha do Discipulado” até à presença do nosso Senhor. Com cada fase, deixamos o nosso eu um bocadinho mais para trás e ficamos um passo mais próximos do domínio do Espírito. Finalmente, com a fome e a sede, chegamos ao pináculo da experiência espiritual. Chegamos ao topo da montanha, a respirar descompassados por Deus, enamorados pelas coisas que Ele ama. Contudo, assim que estas palavras transbordam de nós, Jesus aponta-nos à descida da simples e comum existência. Ele recusa-se a deixar os Seus discípulos construírem abrigos nas nuvens. “A vossa viagem só vai a meio,” Jesus parece dizer-nos. mesmo no meio destas instruções sobre discipulado, Jesus muda de direção. Qualquer alpinista vos dirá que a parte mais perigosa da escalada é a descida. Há mais alpinistas a cometerem erros fatais no caminho para baixo do que no caminho para cima. O mesmo é verdade no discipulado. Por isso, tenham cuidado. Estamos prestes a fazer o caminho a descer. *“Felizes os que usam de misericórdia para com os outros, porque Deus os tratará com misericórdia!”* (Mateus 5:7). De que misericórdia está Jesus a falar? A misericórdia é compaixão. É uma vulnerabilidade de coração às necessidades dos outros. É uma disponibilidade para pormos em pausa as nossas agendas ocupadas e projetos pessoais para ouvir os pedidos de ajuda das pessoas, sermos movidos por esses gritos de ajuda e agirmos em compaixão.

A misericórdia é uma disponibilidade para nos identificarmos com o sofrimento dos outros, de nos colocarmos nos sapatos de quem sofre e associarmo-nos ao seu dilema. A misericórdia é um verbo, e foi melhor pronunciado pelo Bom Samaritano. Jesus contou esta história por causa de um especialista religioso, que era inteligente o suficiente para saber que “amar o próximo” é central à Lei, mas não compreendeu o que essas palavras significavam. Jesus queria passar a ideia de que amarmos o nosso próximo significa sermos misericordiosos para com quem quer que precise. Precisamos de tomar nota de vários aspetos da misericórdia nesta história.

#### **A. A misericórdia requer olhos que vejam.**

Todos viram o homem na vala. O sacerdote viu (v. 31).

O Levita viu (v. 32) O Samaritano viu (v. 33). Mas embora o sacerdote e o Levita tenham visto uma inconveniência, o Samaritano viu-se a ele próprio no lugar daquele homem, ferido e a precisar de ajuda.

#### **B. A misericórdia requer um coração piedoso.**

Os três se “moveram” pelo que viram. O sacerdote e o Levita “moveram-se” para o outro lado da estrada. Sentiram repulsa perante toda aquela confusão ensanguentada e agredida. O Samaritano moveu-se de compaixão (v.33). Os olhos abertos devem estar ligados a um coração compassivo.

#### **C. A misericórdia exige mãos que agem.**

O sacerdote e o Levita tinham pés que agiram. Aceleraram o passo para deixarem atrás de si aquele estranho ensanguentado. Mas só o Samaritano estava a disposto a sujar as mãos de forma a mostrar misericórdia. As suas mãos ligaram o homem ferido, derramaram vinho e óleo nas suas feridas, e colocou-o estável em cima do jumento. As mãos do Samaritano carregaram esta vítima para um quarto alugado, deram-lhe um caldo á boca e colocaram panos húmidos e frescos na sua frente. As mãos do Samaritano pegaram em dinheiro e selaram um acordo com o dono da estalagem. A olhos que

reparam, e a um coração que se compadece devemos acrescentar mãos que agem, se queremos que a misericórdia aconteça.

#### 6. Genuíno a valer (Mateus 5:8)

Assim que aprendemos a ser misericordiosos, e antes de podermos avançar para a prática da paz, Jesus insiste em que passemos algum tempo a pensar na pureza. *“Felizes os íntegros de coração”* (Mateus 5:8). Na Bíblia encontramos pelo menos três tipos de pureza. Uma, é a pureza cerimonial. Outro tipo é a pureza moral. David falou sobre esta quando pleiteou com Deus: *“Cria em mim um coração puro”* (Salmos 51:10). Mas há um terceiro significado para a pureza encontrado na Bíblia—um que não é tão comum ou óbvio como a purificação cerimonial e moral, mas mais útil ao tentarmos compreender a sexta Bem-Aventurança. Tem que ver com pureza de motivos e baseia-se na noção de integridade. Na verdade, esta é a forma como Ellen White a menciona no livro O Maior Discurso de Cristo onde escreveu que a pureza é sermos, *“livres do que é sensual, puros de concupiscências, mas fiéis nos íntimos desígnios e motivos da alma, isentos de orgulho e de interesse egoísta, humildes, abnegados, semelhantes a uma criança.”* (p. 25). Acho que gostamos demasiado das nossas máscaras para as deitarmos for a favor da pureza. Mas pergunto-me, quantos de nós são pessoas diferentes interiormente em relação ao que aparentamos exteriormente. Quanta discrepância existe entre quem somos atrás de portas e quem somos nos corredores e bancos da igreja. Quantos de nós temos as nossas máscaras públicas tão firmemente colocadas que ninguém suspeita dos demónios privados com que nos debatemos.

#### 7. Dar Uma Oportunidade à Paz (Mateus 5:9)

O que quer Jesus dizer com *“Felizes os que promovem a paz?”* Alguns vos dirão que Jesus quer discípulos de trato fácil, indivíduos bonacheirões que se dão com toda a gente. Está Jesus a sugerir que os discípulos nunca se perturbam ou zangam? Serão os promovedores da paz pessoas que terão paz a todo o custo, que vão engolir qualquer indignidade, que vão até onde for preciso para evitar conflitos? Isto é claro: Jesus chama-nos a levar a paz a sério, mas a pensarmos cuidadosamente acerca do momento em que vamos perpetrar essa paz. Não é uma paz interior ou mesmo paz com Deus que preocupa Jesus aqui, mas paz com as pessoas à nossa volta. Aqueles que demonstram compaixão (misericórdia) e integridade (pureza) nos seus relacionamentos com outras pessoas são agora chamados a fazer e a manter a paz nesses relacionamentos. Jesus não está a pedir que nos demos bem com toda a gente. Mas está a dizer-nos que devemos proteger e preservar alguns relacionamentos. Embora tenhamos sempre inimigos (Mat. 5:43-47), há certos relacionamentos em que os seguidores de Cristo não só devem querer a paz, mas devem fazê-la. Fazer a paz não é uma questão de recusar pegar em armas contra pessoas que desconhecemos. Não quer dizer que fugimos do conflito sempre que este ergue a sua cabeça feia. Fazer a paz é algo que ocorre no contexto dos nossos relacionamentos mais íntimos. É uma característica que demonstramos quando os relacionamentos estão quebrados, quando a alienação é uma ameaça, quando temos de escolher entre a

rejeição ou a reconciliação com alguém que amamos. A verdade é que mesmo os relacionamentos Cristãos são assuntos complicados. Como Jesus e os Seus discípulos, há momentos em que não compreendemos aqueles de quem gostamos. Há momentos em que os desapontamentos e frustrações ameaçam sobrepor os nossos sentimentos de afeto. Há momentos em que estamos profundamente magoados exatamente por aqueles que amamos profundamente. Em todos os relacionamentos existem conflitos. E certos conflitos vão trazer os relacionamentos a bifurcações na estrada em que se têm de fazer escolhas. Vamos escolher perdoar ou guardar ressentimentos? Vamos escolher pedir perdão ou racionalizar? Vamos dar passos no sentido da reconciliação ou da rejeição?

#### 8. Felizes os que são perseguidos (Mateus 5:10-12)

Chegamos ao fim do manual de instruções de Jesus para Seus discípulos. Pensaríamos que, por esta altura, Jesus prometeria uma grande recompensa aos que chegassem até aqui. Mas em vez disso, aquilo que nos é prometido é perseguição. E isto deve ser importante, porque Jesus gasta mais palavras no tema da perseguição do que em qualquer outro atributo das Bem-Aventuranças. Na verdade, onde um verso chega para cobrir tópicos como a retidão e a misericórdia, Jesus usa três para falar de perseguição. Podemos repetir aquela canção das crianças que diz: “Paus e pedras podem quebrar-me os ossos, mas as palavras nunca me ferirão.” Mas o verso 11 deixa claro que as palavras podem ferir, e a perseguição muitas vezes adquire a forma verbal.

Agora, está na hora de examinar quem persegue o discípulo. A perseguição pode vir, e vem, dos descrentes. Mas as más notícias que tenho de vos dar aqui é que a perseguição é, mais frequentemente, um serviço interno. Embora tenham havido momentos na história em que inimigos seculares perseguiram os crentes, esses tempos foram raros.

Muito frequentemente, as perseguições sofridas pelo povo de Deus têm a sua origem mais perto de casa.

Reparem na Bem-Aventurança: *“Pois assim também foram tratados os profetas que vos precederam.”* Quem são “eles”? Quem perseguiu os profetas? Jesus respondeu a essa mesma pergunta mais tarde no livro de Mateus: *“Ai de vós, doutores da lei e fariseus fingidos! Constroem os túmulos dos profetas e fazem belos monumentos aos mártires, e declaram: “Se tivéssemos vivido nos tempos dos nossos antepassados, não nos teríamos juntado a eles para matar os profetas!” Desse modo confessam que são descendentes daqueles que assassinaram os profetas.”* (Mateus 23:29-31).

Não foram os Babilónicos ou os Egípcios ou os Filisteus que perseguiram os profetas. Não foram estranhos ou sacerdotes de religiões pagãs que ridicularizaram, difamaram, aprisionaram, e algumas vezes mataram os porta vozes de Deus. Foram os compatriotas dos profetas, os seus vizinhos, os membros das suas famílias, as pessoas que se curvavam ao mesmo Deus e adoravam no mesmo templo. Por mais difícil que seja de aceitar, a perseguição que os discípulos são chamados a suportar será às mãos das pessoas que conhecem, das pessoas com quem adoram, pessoas que também alegam ser religiosas. A pessoa por detrás da máscara do perseguidor pode muito bem ser alguém que consideramos um amigo. Não são estranhos obcecados em destruir a fé que devemos

temer mais. São aqueles com quem partimos o pão. São estes que têm mais probabilidades de nos partir o coração.

Agora, isto não é um convite à paranoia. Não estou a encorajar-vos a manterem um olho desconfiado no vosso companheiro membro de igreja nem estou a avisar-vos contra relacionamentos próximos por estes vos poderem magoar mais tarde. O que estou a dizer é que um sério compromisso com Cristo não cria cisões apenas entre crentes e descrentes—entre a igreja e o mundo—mas entre aqueles que desejam ser como Cristo e aqueles que veem o Cristianismo casual como sendo suficiente bom.

Tivesse Jesus vindo hoje, e não teriam sido os Fariseus que o tinham crucificado. Tínhamos sido nós! Teríamos achado Jesus e as Suas duras palavras tão ameaçadoras, tão assustadoras como os líderes religiosos daqueles dias. Lembrem-se das palavras de Paulo, *“E todos os que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.”* (2 Tim. 3:12). Então, como respondemos a essa perseguição? Podemos “alegrarmo-nos e rejubilarmos” quando somos perseguidos. O sofrimento é uma forma de Deus carimbar o Seu selo de aprovação nas nossas vidas. Quando o inimigo de Deus me persegue, eu sei que é porque me assemelho um pouco mais a Jesus, cheiro um bocadinho mais a Jesus, porto-me um pouco mais como Jesus, sou mais como Jesus. Ora isso é motivo de celebração!

Ver aqueles que amamos virarem-se contra nós, e continuar a amá-los. Ouvir aqueles em quem confiamos difamarem-nos e maldizerem-nos e responder com graciosidade. Ver a nossa credibilidade minada e o nosso testemunho ridicularizado e, contudo, recusarmos toda a vingança, confiando em Deus em vez de em nós mesmos.

Quando conseguimos reagir á perseguição desta forma, encarnamos o carácter que Jesus quer desenvolver nos Seus discípulos. E podemos rejubilar e alegrar-nos, porque estamos em boa companhia. Muitos homens e mulheres de Deus têm sofrido por causa da verdade. E muitos encontraram nas provas severas e na dor a coragem para demonstrarem um carácter semelhante ao de Cristo. Se fazem parte desse número, contem-se como abençoados.

O reino de Deus pertence a pessoas como vocês.

#### Notas

<sup>1</sup> Ellen G. White, O Maior Discurso de Cristo, pp. 9-10

<sup>2</sup> Ellen G. White, O Maior Discurso de Cristo, p.9

# Escolhidos para Servir

TRAFFORD FISCHER

Trafford Fischer, DMin, é o Diretor do Departamento de Famílias na Divisão pacífico Sul dos Adventistas do Sétimo Dia em Sydney, NSW, Austrália.

## O Texto

1 Pedro 2:9,10

O Larry era condutor de camiões, mas o Sonho da sua vida era voar. Quando terminou o ensino secundário, alistou-se na Força Aérea esperando tornar-se piloto. Infelizmente, foi desqualificado por ter uma visão fraca. Por isso teve de se satisfazer em ver os outros voar nos caças que cruzavam os céus por cima do seu quintal. Enquanto estava ali sentado na sua cadeira de jardim, ele sonhava com a magia de voar.

Então, um dia, o Larry teve uma ideia. Foi à loja de abastecimento que vendia o excedente do exército-marinha e comprou um tanque cheio de Hélio e quarenta e quatro balões meteorológicos. Estes não são aqueles balões coloridos das festas, estes era esferas pesadas que mediam 2,4 m de largura quando estavam cheios.

No seu quintal das traseiras, o Larry usou alças para atar os balões à sua cadeira de jardim. Depois ancorou a cadeira ao para-choques do seu jipe e encheu os balões com hélio. Depois fez uma mochila com umas sandes, algumas bebidas, uma máquina fotográfica e um radio CB, um para-quedas e uma arma de pressão de ar, pensando que talvez pudesse rebentar alguns dos balões quando fosse Altura de descer à terra. Com os preparativos completos, o Larry sentou-se na sua cadeira e os seus amigos cortaram a corda que o mantinha no solo. Foi no dia 2 de Julho, 1982. O seu plano era que, depois de desfrutar de algum tempo a voar ele flutuaria preguiçosamente para terra. Mas as coisas não correram exatamente como ele esperava.

Quando cortaram a corda, ele não flutuou preguiçosamente para cima; ele saiu disparado como se fosse uma bala de canhão! Nem subiu apenas algumas centenas de metros. Ele subiu, subiu até finalmente nivelar a mais de 4000 mil metros de altura! Àquela altura, dificilmente arriscaria disparar em algum dos balões, a menos que diminuísse a carga e experimentasse realmente voar! Flutuou lentamente ao longo de Long Beach e atravessou o primeiro corredor de aproximação do Aeroporto de Long Beach.

Depois de 45 minutos no ar, disparou em vários balões, e depois deixou cair acidentalmente a sua arma de pressão de ar. Desceu lentamente, até os cabos dos balões serem apanhados numa linha de tensão, provocando um apagão de 20 minutos num dos bairros de Long Beach. O Larry finalmente foi capaz de chegar a terra firme.

E assim que aterrou, foi preso.

Mas ao ser conduzido dali para fora algemado, um repórter chamou-o, "Mr. Walters, porque fez isto?" E o Larry respondeu descontraidamente, "Era algo que eu tinha de fazer. Tive este sonho durante 20 anos, e se não o tivesse feito, acho que acabava no hospício."

E vocês, serão lembrados porquê? O Larry é lembrado como o Piloto da Cadeira de Jardim! Porque vos lembrarão a vós?

Um comediante Cristão foi citado como tendo dito, “Quando Jesus voltar outra vez, quero que me encontre a fazer alguma coisa, ainda que sejam erros!” Porque que “alguma coisa” seremos lembrados? Caim é lembrado por ter trazido a oferenda errada a Deus e por ser o primeiro assassino, Abraão é lembrado como o grande pai, Noé é lembrado pela arca, Moisés por um arbusto em chamas e uma viagem tortuosa até Canaã, Elias pelos milagres, Daniel pela cova dos leões, Ester por ter sido uma rainha fiel, Jezabel por ser simplesmente má, David um guerreiro, e Salomão por ser tão sábio. João é lembrado como aquele que batizou e precedeu Jesus, Pedro como o discípulo turbulento, Judas é tão trapaceiro que consegue ver nas esquinas, Barnabé como um amigo leal, Paulo como o grande pregador do Evangelho, João como o Revelador.

Porque serão vocês lembrados?

Há um sem número de versões para a história de Telêmaco, um monge do quarto século que viveu num mosteiro, mas sentiu o chamado de Deus para ir a Roma. Colocou as suas posses numa sacola, pôs a sacola ao ombro e começou a caminhar pelas estradas empoeiradas até Roma. Quando ele chegou a Roma, as pessoas andavam de um lado para o outro em grande confusão. Chegou num dia em que os gladiadores iam lutar, tanto com outros gladiadores como com animais no anfiteatro. Todos se estavam a dirigir para o anfiteatro para o espetáculo. Telêmaco pensou que talvez fosse por isto que Deus o tinha chamado a Roma. Andou até ao anfiteatro. Sentou-se as 80,000 pessoas que aclamavam enquanto os gladiadores entravam proclamando, "Salve César! Morremos para a glória de César."

O historiador, Theodoret, Bispo de Chipre, na Síria, diz-nos o que aconteceu: Quando o espetáculo abominável estava a ser exibido, ele entrou no estádio, e na arena, empenhado em parar os homens que estavam a brandir as suas armas uns contra os outros. Os espetadores da chacina estavam indignados, e inspirados pela tríade furiosa do demónio que se deleita nestas ações sanguinárias, apedrejaram o pacificador até à morte. Graças a Telêmaco, Honório, o Imperador Cristão, impressionado pelo martírio do monge, banuiu as lutas de gladiadores. A última luta de gladiadores de que há registo aconteceu em Roma a 1 de Janeiro, 404 DC.

Telêmaco nunca mais foi esquecido. Porque seremos lembrados?

O apóstolo Pedro estava submerso no Velho Testamento. O VT era a sua Bíblia, e as palavras que ele usa no texto chave de hoje foram primeiramente usadas pela Nação de Israel. Podem ser encontradas em Isaías 43 e Êxodo 19. Êxodo 19:5,5 – Deus declara: *“porque são geração escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo que pertence a Deus (...) Antes, nem eram um povo e agora são povo de Deus.”*

As grandes promessas de Deus feitas ao povo de Israel estão agora a ser aplicadas por Pedro aos Cristãos – aqueles que creem em Jesus Cristo e se tornam Seus discípulos.

Os Cristãos são um povo ESCOLHIDO. Deus escolheu-os para serem o Seu povo especial. A nação de Israel falhou à aliança estabelecida com Deus – eles escolheram sair! Os escritores do NT viram os seguidores de Jesus como os ‘Escolhidos de Deus.’ ‘Intrusos’ -- não- Judeus, agora estavam “dentro.” Já não havia Judeu ou Gentio, escravo ou livre, -- estavam todos INCLUÍDOS, em Jesus Cristo. Os seguidores de Jesus eram agora a Sua

especial possessão. Pedro diz dos Cristãos, “São sacerdócio real.” Um sacerdote do VT era alguém que tinha acesso a Deus, especialmente o sumo sacerdote. E os sacerdotes eram os intermediários – as pontes – entre Deus e o Seu povo. Enquanto povo de Deus, vocês e eu temos acesso direto a Deus. Deus está prontamente disponível para nós e acolhe-nos na Sua presença. Não temos de passar por ninguém para partilhar os nossos pensamentos com Deus. Temos uma ligação direta ao seu Trono da Graça! Não dá para ser melhor que isto!

E também somos sacerdotes de Deus, escolhidos para levar o Seu amor a outros. Não vamos ao templo, descobrir Deus para sairmos agarradinhos a Ele, com Ele exclusivamente só para nós. Isso não servirá nunca!

Enquanto sacerdotes Cristãos levamos Jesus, que é o Pão da Vida, e passamo-lo aos famintos, pegamos na Água da Vida e partilhamo-la com os sedentos; pegamos na Luz e damos-la aos que estão nas trevas; levamo-los à porta e incentivamo-los a entrar; mostramos-lhes o Pastor que ama as suas ovelhas, mesmo quando estão perdidas; guiamo-los ao Caminho e convidamo-los a andar na Sua direção; dizemos-lhes que Ele é Vida que pode dar vida aos que a não têm; fazemo-los saber que Ele é a Verdade e que podem viver Nele em vez de em meias verdades ou em mentiras descaradas. Então, Pedro acrescenta, “Os Cristãos são um povo que pertence a Deus.” Algo que é considerado valioso normalmente ganha o seu valor por pertencer ou ter pertencido a alguém famoso. Podem ir a um museu e ver uma cadeira, um vestido, um par de sapatos, uma foto – podem não ser grande coisa por si só, mas estão em exibição porque foram usados ou retratam alguma heroína, estrela de cinema ou alguma figura política ou social famosa. É a pessoa que lhes confere valor.

Os crentes Cristãos podem sentir que são comuns, -- nada de especial, um espécimen normal de ser humano do dia-a-dia, -- Mas não é assim em Jesus!

Pertencem a Deus! Não há melhor que isso!

### Somos escolhidos para amar, para viver e para servir!

Basta uma curta excursão aos Evangelhos para reparar que assim que Jesus escolheu os Seus discípulos, eles saíram para as ruas sujas e poeirentas de Jerusalém e das cidades circundantes. Jesus não escolheu os Seus discípulos para depois irem para as Grutas de Qumran viverem separados das multidões. Ele não escolheu os Seus discípulos para se meter nos seus barcos e flutuar em volta do lago a cantar canções do Evangelho. Ele não escolheu os discípulos para depois ir para Betânia e ficar permanentemente com os seus melhores amigos. Jesus escolheu os seus discípulos e andou entre alguns dos lugares e pessoas que se consideravam do pior! Proscritos, pessoas da rua, leprosos, cobradores de impostos – eram ser amigos, o Seu povo!

Deus convida-nos a nos unirmos a Ele na cura dos que têm o coração quebrantado, a libertar os cativos, e a declarar o ano aceitável do Senhor! Conta-se a história de uma cidade que foi bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial, e uma grande estátua de Jesus Cristo ficou danificada.

Quando as pessoas daquela terra descobriram a estátua entre os escombros, lamentaram-se porque tinha sido um estimado símbolo de fé e da presença de Deus nas

suas vidas. Especialistas foram capazes de reparar a maior parte da estátua, mas as suas mãos tinham ficado tão severamente destruídas que não as puderam restaurar. Alguns sugeriram contratar um escultor para fazer mãos novas, mas outros quiseram deixar a estátua como estava – um lembrete permanente da tragédia da guerra.

Por fim, a estátua ficou sem mãos. Contudo, as pessoas da cidade acrescentaram na base da estátua de Jesus um sinal com as seguintes palavras, “Vós sois as minhas mãos.” O próprio Deus que nos fez quem somos e nos deu nova vida em Cristo Jesus; e há muito tempo que Ele planeou que deveríamos usar a nossa vida para ajudar outros. Efé. 2:10

**Sabes o que eles são através do que fazem (Mat. 7:16)**

---

*O mundo define a grandeza em termos de poder, posses, prestígio e posição. Se podes exigir serviço dos outros chegaste lá. Na nossa cultura de self-service com a mentalidade do “eu primeiro”, agir como um servo não é um conceito popular. Rick Warren – A Vida Plena de Propósito*

---

*Apenas uma vida vivida para os outros é uma vida que vale a pena. Albert Einstein*

---

*Para mim, o sucesso não é algo que se meça pelo poder ou fortuna ou fama. Acredito que uma vida de serviço em prol dos outros é uma vida bem-sucedida. Gerald Ford*

---

*Que maravilhoso que é que ninguém tenha de esperar um minuto que seja antes de começar a melhorar o mundo. Anne Frank*

---

*Ninguém cometeu um erro maior do que aquele que não fez nada porque só podia fazer um bocadinho. Edmund Burke*

---

*Todos podem ser grandes... porque qualquer pessoa pode servir. Não precisam de uma licenciatura para servir. Não precisam que o sujeito e o verbo combinem para servir. Só precisam de um coração cheio de graça. Uma alma gerada pelo amor. Martin Luther King, Jr.*

---

Os nossos novos vizinhos, um casal já aposentado, mudaram-se para a nossa área para terem uma vida mais tranquila. Em 2000, ela venceu um cancro da mama. Em 2014, ela lutou e venceu mais outro igual. Foi informada há pouco tempo que agora tem cancro na coluna, nos pulmões e no cérebro. Podemos, eu e a minha esposa, encontrar uma forma de sermos portadores de boas novas quando todas as notícias são tão más? Há alguma



forma de podermos apontar os nossos vizinhos a alguma luz que possa suavizar a escuridão que os rodeia? Poderemos ser nós lembrados de uma forma singela como cuidadores num momento de crise, servindo em amor?

---

*“Façam todo o bem que puderem, através de todos os meios que puderem, de todas as formas que puderem, em todos os lugares que puderem, sempre que puderem, a todas as pessoas que puderem, enquanto puderem.” John Wesley*

---

Se pensam que são muito importantes para ajudar alguém que precisa, só se estão a enganar a vós mesmos. Na verdade, não são ninguém. Gál 6:3

Pesquisas nas ciências sociais demonstraram que quando servimos outros, ganhamos! É um genuíno e verdadeiro “Dai, e ser-vos-á dado”.

1. Por exemplo, estudos demonstraram que as pessoas mais bondosas vivem mais tempo, vidas saudáveis, e pessoas que fazem voluntariado a ajudar outros tendem a experimentar menos dores e mazelas.
2. Ajudar outros protege a saúde, no geral, duas vezes mais que a aspirina protege contra doenças cardíacas.
3. Pessoas com 55 e mais velhas que fazem voluntariado em duas ou mais organizações têm uns 44 impressionantes por cento a menos de probabilidade de morrerem—e isto é depois de peneirar todos os outros fatores, incluindo a saúde física, o exercício, género, hábitos, como fumar, estado civil e muitos mais. Produz um efeito mais forte que fazer exercício quatro vezes por semana ou ir à igreja; significa que fazer voluntariado é quase tão benéfico para a nossa saúde como deixar de fumar!
4. Cerca de metade dos participantes de um estudo relatam que se sentem mais fortes e mais enérgicos depois de ajudarem os outros; muitos também relataram sentirem-se mais calmas e menos deprimidas, e com mais autoestima.
5. O trabalho voluntário reduz substancialmente os sintomas da depressão; tanto ajudar os outros como receber ajuda está associado a uma diminuição da ansiedade e da depressão.
6. Os adolescentes que identificam o ajudar os outros como a sua principal motivação são três vezes mais felizes que aqueles que não têm motivação altruísta. Semelhantemente, os adolescentes que são generosos também são mais felizes e mais ativos, envolvidos, entusiasmados e empenhados do que os seus pares menos empenhados.
7. O comportamento generoso reduz a depressão adolescente e o risco de suicídio, e vários estudos têm demonstrado que os adolescentes que fazem voluntariado têm menos probabilidades de falhar numa disciplina na escola, engravidar ou abusar de substâncias. Os adolescentes que fazem voluntariado também tendem a ser mais competentes socialmente e a ter mais autoestima.

8. Experiências demonstraram cabalmente uma e outra vez que a bondade para com os outros nos faz realmente mais felizes, melhora a nossa saúde e aumenta a nossa esperança de vida. (2010 Christine Carter, Ph.D.)

Não poderíamos nós ser lembrados por sermos genuínos servos de Deus? Não seria bom ser lembrado por alcançar outros? Fomos escolhidos para isso!

De alguma forma sentimo-nos inadequados, então talvez estejamos no sítio certo para começarmos!

Rachel Remen é autora dos best-sellers inspiradores, “Inspiração à Mesa” e “As Bênçãos do Meu Avô.” Nascida em Nova Iorque e filha de um casal judeu que abandonou a fé, ela era muito próxima do seu avô que era um rabi Ortodoxo e um estudioso. Ele morreu quando ela tinha sete anos, mas as suas lições pacíficas e a influência da aceitação incondicional que lhe votou como sua neta querida nunca a abandonaram. Ela debateu-se para se sentir “suficientemente boa” na sua família médica de sucesso, mas ele ensinou-lhe que Abençoarmos uns aos outros é o que preenche o nosso vazio. Sara a nossa solidão e liga-nos mais profundamente à vida. Ele via a vida como uma teia de ligações e acreditava que toda a gente lhe pertencia e ele pertencia a toda a gente. A Rachel tornou-se, de facto, numa médica e agora especializa-se no ministério junto de pacientes com cancro. Contudo, também ela é uma paciente uma vez que sofre de doença de Crohn há mais de quarenta anos e por vezes é profundamente afetada por ela. Estas duas perspetivas permitem-lhe servir os outros a partir de um profundo ponto de identificação. “Muitas vezes,” diz Rachel Remen, ao falar do seu trabalho com pacientes com cancro, “As minhas limitações tornaram-se na fonte da minha compaixão, as minhas dores tornaram-me gentil com as dores dos outros. A minha solidão tornou-me capaz de reconhecer a solidão nos outros.”

E ela continua, “Ferir e curar não são opostos. São parte da mesma coisa. São as nossas feridas que nos permitem ser compassivos com as feridas dos outros. São as nossas limitações que nos tornam bondosos com as limitações das outras pessoas. É a nossa solidão que nos ajuda a encontrar outras pessoas ou mesmo a saber que estão sós (com uma doença). Penso que servi outras pessoas perfeitamente com partes de mim das quais me costumava envergonhar.” Rachel apresenta-nos a ideia de que serviço não é a mesma coisa que ajudar!

O verdadeiro serviço, ela declara, não é o relacionamento entre um especialista e um problema. “Muitas vezes, quando ajudamos não servimos realmente.”

Servir é diferente de “ajudar”. “Ajudar” não é um relacionamento entre iguais. “O perigo de ajudar é que podemos inadvertidamente tirar às pessoas mais do que lhes podíamos alguma vez dar; podemos diminuir a sua autoestima, o seu senso de valor próprio, a sua integridade.”

Quando “ajudamos” outros podemos ser tentados a ver a pessoas que estamos a ajudar como mais fraca que nós, alguém necessitado. Quando ajudamos tornamo-nos conscientes da nossa força porque a estamos a usar. Os outros também se tornam conscientes da nossa força e podem sentir-se diminuídos por isso. Coloca-os, potencialmente, num lugar de fraqueza enquanto que nós aparentamos ser fortes. Há

um senso de desigualdade. Inconscientemente, os nossos atos podem ser vistos pela outra pessoa como condescendentes ou mesmo arrogantes.

Remen sugere mais à frente que servir também é diferente de “consertar”. Quando “consertamos”, vemos a vida como estando danificada. Vermo-nos a nós mesmos como reparadores pode fazer com que vejamos danos em todo o lado, ficando a julgar os outros e a própria vida. Quando consertamos os outros podemos não ver a sua integridade escondida ou confiar nessa mesma integridade de vida que há neles. Enquanto reparadores confiamos na nossa perícia. Mas relacionarmo-nos com os outros desta forma nega e diminui de uma forma subtil e profunda o poder da vida naqueles que estamos a “consertar”.

Quando servimos, porém, vemos a vida como um todo. “Quando servimos não o fazemos com a nossa força; servimos connosco mesmos, e partimos das nossas experiências. O serviço é uma experiência entre iguais. Quando servimos tornamo-nos mais conscientes da nossa integridade e mais recetivos a ela. As nossas limitações servem; as nossas feridas servem; até o nosso lado negro pode servir.” Por vezes, o restabelecimento mais profundo vem do encaixe natural entre as vidas feridas de duas pessoas.”

A cultura ocidental considera difícil respeitar facilmente os doentes ou os idosos ou os vulneráveis.

Vai contra aquilo por que nos esforçamos e honramos – independência, competência e perícia. Facilita a intolerância em relação à fraqueza humana, torna-nos desdenhosos em relação a tudo o que em nós ou nos outros é carente ou capaz de sofrer. Autoconfiança, autodeterminação e autossuficiência são coisas profundamente admiradas e quando vemos alguém que é dependente de outros ou, em alternativa, somos nós que precisamos de alguém, podemos ver isto como um fracasso pessoal. A Rachel convida-nos a considerar que a negação da vulnerabilidade comum é a derradeira barreira á compaixão. . . consequentemente ao serviço.

O verdadeiro serviço liga-nos uns aos outros e ao mundo a nossa volta. Então, quando vivemos esta ligação, servir os outros passa a ser a coisa natural e alegre a fazer. A longo prazo, ajudar e reparar são esgotantes, mas servir é retemperador. É na nossa fraqueza que servimos... não na nossa força. Por vezes, um único ato de bondade pode vir de uma fonte inesperada e fazer um longo trajeto, tocando aqueles que nunca vamos conhecer ou ver. Algo que oferecemos casualmente pode mover-se numa teia de ligações muito para lá de nós mesmos e produzir efeitos que nunca imaginámos. Fomos escolhidos para servir! Não para ajudar ou consertar! Deus não nos pediu que fôssemos martelos, à procura de tudo o que se pareça com um prego. Deus não nos pediu que andássemos por aí com os nossos rolos da massa prontos a estender tudo o que pareça massa!

Ele pegou em Pedro, um pescador turbulento e sem instrução, e disse “apascenta as minhas ovelhas.” Ele chamou Tiago e João, os “filhos do Trovão,” e pediu-lhes que continuassem a pescar, mas num lago diferente. Ele pegou em Mateus, um cobrador de impostos, e disse vai e dá, não tires.

Em 1921, Lewis Lawes tornou-se diretor da prisão de Sing Sing. Não havia prisão mais dura que Sing Sing naquela época. Mas quando Warden Lawes se aposentou, 20 anos depois, aquela prisão tinha-se transformado numa instituição humanitária. Aqueles que estudaram o sistema dizem que o crédito pela mudança pertencia a Lawes. Mas quando

o questionaram quanto à transformação, eis o que ele disse: "Devo-o à minha querida esposa, Catherine, que está sepultada fora dos muros desta prisão." Catherine Lawes era uma jovem mãe com três crianças pequenas quando o seu marido se tornou diretor da prisão. Todos a avisaram desde o início que ela nunca deveria pôr o pé dentro da prisão, mas isso não a impediu!

Quando realizaram o primeiro jogo de basquetebol, ela foi...entrou no ginásio com os seus três lindos filhos e sentou-se nas bancadas com os presos.

A sua atitude foi: "O meu marido e eu vamos cuidar destes homens e eu acredito que eles vão cuidar de mim! Não tenho de me preocupar!"

Insistiu em familiarizar-se com eles e com os seus registos. Descobriu que um assassino estava cego por isso fez-lhe uma visita. Segurando a mão dele na sua perguntou, "Lês Braille?" "O que é Braille?" perguntou ele. Então ela ensinou-o a ler. Anos mais tarde ele choraria pelo profundo respeito que lhe tinha.

Mais tarde, a Catherine encontrou um surdo-mudo na prisão. Ela foi para a escola aprender língua gestual. Muitos disseram que Catherine Lawes era o corpo de Jesus que tinha voltado à vida em Sing Sing de 1921 a 1937. Então, tristemente, ela faleceu num acidente de viação.

Na manhã seguinte Lewis Lawes não foi trabalhar, então o diretor interino tomou o seu lugar. Quase instantaneamente os prisioneiros souberam que algo estava errado.

No dia a seguir, o seu corpo estava num caixão, em sua casa, que ficava a um quilómetro da prisão. Assim que o diretor interino fez a sua caminhada matinal ele ficou chocado ao ver uma grande multidão dos prisioneiros mais rufias e duros reunidos como uma manada de animais junto ao portão principal. Aproximou-se e viu lágrimas de dor e tristeza. Ele sabia o quanto eles amavam Catherine. Virou-se e enfrentou os homens, "Muito bem, homens, podem ir. Certifiquem-se que voltam todos esta noite!" Depois abriu o portão e um desfile de criminosos caminharam, sem qualquer guarda, aquele quilómetro para fazerem fila prestando a sua reverência e respeito a Catherine Lawes, uma mulher que fez a diferença. E cada um deles regressou. Todos!

Lembrada pelo seu serviço.

Escolhida para servir.

---

*“Não sei qual vai ser o vosso destino, mas uma coisa eu sei: os únicos dentre vós que vão ser verdadeiramente felizes são aqueles que buscarem e encontrarem formas de servir.”*

*Albert Schweitzer*

---

Que Deus nos ajude a servir no Seu amor, de todas as formas, todos os dias.